

"VOSSA MERCÊ, VOCÊ E VC": AS MANIFESTAÇÕES DA LÍNGUA NA INTERNET E NA HISTÓRIA - SUBVERSÃO DA NORMA EM FAVOR DA COMUNICAÇÃO.

Demócrito GARCIA (1); Joseli SILVA (2);

(1) CEFET-PB, endereço: Rua Leonel Pinto de Abreu, nº 1328 – Cristo Redentor – João Pessoa/PB – CEP 58071-180 telefone: (83) 9124-5551, e-mail: zekiko@gmail.com

(2) CEFET-PB, e-mail: joseli_ms@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho discute algumas manifestações da língua nas novas mídias, bem como a gramática está sempre a reboque da fala cotidiana e seus suportes tecnológicos. Partindo de McLuhan (1964), Luft (1985) e Lévy (1999) verificamos que novos instrumentos da comunicação atravessam os resistentes muros da gramática e, ainda que não satisfaçam às premissas da produção culta padronizada, conseguem estabelecer comunicação e, principalmente, interação, entre usuários, em sua nova "performance". Percebemos que, de forma intensa e dinâmica, esses novos processos/instrumentos de escrita e construção de interlocuções concorrem diretamente com o poder que a norma culta ainda exerce sobre os redutos literários ou ambientes formais de uso da língua. Embora consideremos, como bem explicita McLuhan (1964, p. 112), que "a aceleração de hoje não é uma lenta explosão centrífuga do centro para as margens, mas uma implosão imediata e uma interfusão do espaço e das funções". Ainda que o termo "hoje" utilizado pelo autor nos remeta a um espaço temporal de outrora, é-nos permitido verificar que a analogia se coloca apropriada aos padrões de comunicação atuais, ou seja, a língua se manifesta não mais partindo do padrão culto para interagir, mas, em sua dinamicidade, parte das margens, dos usos pelas comunidades que dela se apropriam e a utilizam nas mais diversas funções e valendo-se dos mais variados aparatos tecnológicos. Assim, para analisarmos essas manifestações, utilizamos amostras lingüísticas do cotidiano das conversações na Internet, de comunicadores instantâneos, fóruns, chats, sites de relacionamento e afins. A compreensão de tais manifestações faz-se importante para produzirmos meios cada vez mais adequados a esta realidade e melhor preparar novos leitores/interlocutores para as habilidades necessárias ao novo ambiente hipermidiático.

Palavras-chave: Linguagem, Informática, Comunicação, Tecnologia, Cibercultura.

1. INTRODUÇÃO

A língua, código da fala, é uma ferramenta utilizada pelo homem para estabelecer comunicação entre seus pares. Por se tratar de uma convenção, a língua está submetida às necessidades e adaptações daqueles que a usam em seu cotidiano. O que não quer dizer, no entanto, que tal convenção se dê de forma aleatória. Muito pelo contrário, muitas das vezes as normas da língua assumem um papel arbitrário sobre seu uso. Ao longo deste trabalho, pretendemos observar como as recentes Tecnologias da Informação (TIs) estão sendo usadas como forma de subversão a estas normas. Bem como estas, em geral reunidas em gramáticas, estão sempre a reboque da fala cotidiana em seus variados suportes tecnológicos.

Ainda que de forma superficial, podemos ver no modo como as pessoas, e especialmente os jovens, conversam na Internet, uma dinâmica diferente do habitual nos processos comunicativos. Em particular, aquilo que é escrito em fóruns on-line, *chats*, salas de bate-papo, sites de relacionamento e outros, incorpora alguns elementos específicos desta nova mídia. Algo que vulgarmente passou a ser chamado de *Internetês* e que detalharemos mais adiante. Percebemos que esses novos processos/instrumentos de escrita e construção de interlocuções concorrem diretamente com o poder que a norma culta exerce sobre os redutos literários ou ambientes formais de uso da língua.

E tal concorrência, muitas das vezes, não se dá de forma pacífica, quando sim, preconceituosa. Não queremos, contudo, tomar partido entre os que recriminam o uso destas novas formas de escrita, ou entre os que a usam descriteriosamente. Queremos encontrar, isto sim, as possíveis contribuições para as formas de comunicação, naquilo que ela permite de novo, além das mudanças que outrora causaram um nível de estranhamento semelhante ao que vemos hoje. Nosso posicionamento acompanha o do filósofo e estudioso das relações entre Internet e sociedade, Pierre Levy, ao defender uma abordagem mais humana das TIs:

“(...) A verdadeira questão não é ser contra ou a favor [das redes digitais], mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias de uma perspectiva mais humanista” (LÉVY, 1999, p.12)

Utilizaremos as transformações pelas quais passou o pronome de tratamento “você” como exemplo maior neste trabalho. Até onde temos conhecimento, este pronome era grafado sob a forma de “Vossa Mercê”, e era um tratamento por demais respeitoso. Ao longo de tempo foi assumindo outras formas, chegando até a atualmente praticada: “você”. Na Internet, no entanto, temos verificado outra forma de grafia deste pronome feita apenas com suas consoantes: “vc”. Mas até quando ela será tida como marginal e passará a fazer parte da norma culta da língua?

O que nos interessa aqui é observar como a transformação de “Vossa Mercê” em “você”, e em “vc”, logo em seguida, representa a continuidade de uma mesma seqüência histórica. A qual possui um princípio reducionista de pronto identificado, tendendo para diminuição dos termos. E também uma grande influência do afã imagético da contemporaneidade, como forma a aproximar a representação escrita de uma representação por imagem, tal como um signo icônico.

A língua é um instrumento vivo, dá subsídio às formas de interação social e é por elas subsidiada. Surgiu em seu uso prático e ainda nele continua a ser construída. A

língua se manifesta a partir de suas margens, que se apropriam dela nos mais variados aparatos tecnológicos, e a convencionam em determinado código. E é este mesmo código o responsável por definir as formas de uso da língua. É um perfeito representante dos ‘processos cíclicos’ do pensamento desta nossa pós-modernidade.

1.1. As tecnologias e a comunicação

Desde a metade do século XX, o acelerado desenvolvimento tecnológico tem causado mudanças ainda mais sensíveis à comunicação humana. Com a criação do rádio e TV, informações de todas as partes do mundo puderam circular de forma ágil e abrangente. A partir de então, todas as áreas de atuação da sociedade precisaram reestruturar-se para esta nova forma de interligação dos povos. Estava formada aquilo que o canadense Marshall McLuhan chamou de “Aldeia Global”. Onde os indivíduos de qualquer sociedade manteriam contato com qualquer outro, que estivesse em qualquer parte do mundo, com a mesma familiaridade de como se vivessem numa mesma tribo.

McLuhan não viveu, no entanto para ver suas “profecias” em plena execução. A Internet, ou, precisamente, a *Word Wide Web* (Teia de Alcance Mundial), ainda dava seus primeiros passos nos anos 1960/70, por ser um meio de comunicação multidirecional, foi responsável por interligar de fato cada recanto do planeta. E foi a partir de então que a humanidade começou a se organizar novamente em função da informação produzidas por seus integrantes. Algo que só tinha sido visto logo quando o homem começou a se organizar em grupos. E para conviver em grupos precisava se comunicar. Agora, voltamos a dar o real valor à comunicação humana, não mais a nossa força física, produção de alimentos ou de máquinas mais eficientes. E toda nossa complexa organização social precisou ser reformulada.

Envolvidos todos pela mesma rede, ela nos modificou as relações econômicas, políticas e sociais. Seguindo o mesmo princípio cíclico de que falamos, precisamos absorver as mudanças decorrentes desta sociedade em rede, desta nova capacidade produtiva onde o capital e o poder estão nas mãos daquele quem detém a informação ou que é mais bem capacitado a absorvê-la.

2. CULTURA EM TRANSFORMAÇÃO NO NOVO MEIO

2.1. Cibercultura

Ao longo deste nosso estudo, ainda falaremos bastante sobre este meio de comunicação conhecido como Internet. Que poderia ser descrito como uma rede de computadores interligados armazenando, enviando e recebendo informações a partir de qualquer parte do mundo. Para designar esta rede, podemos, no entanto, tomar emprestado o termo “ciberespaço”, utilizado pelo escritor William Gibson em “Neuromancer”. O termo tem origens no comportamento de grupos punk e em suas manifestações na Internet: cyberpunk. E parte do princípio de que a comunicação mediada por computador é espaço para manifestações ao mesmo tempo individuais, em massa e potencialmente subversiva. Segundo Lévy, o ciberespaço se configura numa outra dimensão de interação máquina/homem:

“O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17)

Dentro deste espaço, inicia-se a formação de novas condutas e princípios, delineando também uma nova cultura destes que convivem no ciberespaço: a “cibercultura”. É este o ponto preciso em que encontramos respaldo para pensarmos uma configuração social a partir das novas mídias, incluindo aí a língua que é usada. O que a difere das outras concepções de cultura é a falta de uma linha diretriz que possa reger as formas de sociabilidade. Tal descentralização a torna universal, fluida e capaz de interligar homens e máquinas seguindo os mesmos princípios.

A falta de compartilhamento de contexto foi sempre a grande barreira para o fluxo de comunicação de povos de regiões e cultura diversas. Por este motivo, foram inventados um sem número de artifícios do lado do receptor para que pudesse decodificar as mensagens de forma adequada (as artes da tradução, interpretação e outras normalizações lingüísticas. Para quem emite a informação, foram criadas ferramentas para que pudessem independer de condições de produção, distâncias, distúrbios de interpretação.

A cibercultura descarta todo este aparato centralizador e excludente, projeta indivíduos de contextos distintos em uma mesma aldeia, a global. Fornece a cada um deles o poder de comunicar-se da forma como melhor lhe convier. Diluindo, assim, os grandes centros de difusão de informação e conhecimento

É a partir da formação desta cibercultura que passamos a reconsiderar as formas de saber antigas e verticalizadas. Adotando posturas semelhantes às dos nossos antepassados faziam, conversando uns com os outros, com o valor maior que a comunicação possui que é seu trato cotidiano:

“Por uma espécie de retorno em espiral à oralidade original, o saber poderia ser novamente transmitido pelas *coletividades humanas vivas*, e não mais por suportes separados fornecidos por intérpretes ou sábios. Apenas, dessa vez, contrariamente à oralidade arcaica, o portador direto do saber não seria mais a comunidade física e sua memória carnal, mas o *ciberespaço*, a região dos mundos virtuais, por meio do qual as comunidades descobrem e constroem seus objetos e conhecem a si mesmos como coletivos inteligentes.” (Lévy, 1999, p.164)

É isto que acontece na Internet, nos apoderamos da língua e o seu uso passa a depender dos contatos que estabelecemos, daquilo que é construído em conjunto e ao longo do tempo. Nisto consiste seu potencial transgressor e contestador, longe dos formalismos lingüísticos. Baseia-se numa interação da maneira que encaramos ser mais adequada, mais eficiente e mais comunicativa. Os conceitos por demais subjetivos de certo e errado passam a ter uma importância mínima diante das possibilidades da rede.

2.2. Meio é a mensagem

Toda inovação tecnológica cria um novo ambiente de convívio humano. E este ambiente age ativamente sobre a nossa percepção da realidade. É para entender a influência da Internet na nossa sociedade que utilizaremos os conhecimentos do filósofo canadense Marshall McLuhan. Ele foi um dos primeiros estudiosos a buscar entender as consequências que os meios de comunicação provocam em nós. É dele o célebre dito: “O meio é a mensagem”. Em “Os meios de comunicação como extensões do homem”

McLuhan cita como exemplo a transformação da cultura oral para escrita realizada pelos gregos. “(...) a palavra escrita tinha criado um novo ambiente, que já começara a destribalizar o homem.” (McLuhan,2006,p.10). A partir de então, toda arte filosofia e educação gregas foram modificadas.

E é este mesmo princípio que identificamos nos dias atuais. Uma forma de comunicação multirecional e mundial, causa transformações avassaladoras em todas as áreas de atuação humana. “Pois a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (McLuhan,2006,p.22).

A Internet surgiu para descentralizar as informações do governo norte-americano e seus centros de pesquisa. Precavendo-se de qualquer ataque inimigo durante a época da Guerra Fria. As informações militares foram distribuídas e armazenadas em diversos órgãos e do governo. Caso um deles fosse destruído, os demais manteriam o país em funcionamento. E o que vivenciamos hoje é esta descentralização de todas as formas de saber levada ao seu extremo.

Em analogia com a linguagem de uma sociedade, podemos dizer que cada indivíduo fortalece sua relação com a língua quando usa-a em conjunto. E caso um deles não esteja ‘conectado’, a comunicação flui da mesma forma. Diferente do que aconteceria com formas de armazenamento de informação centralizadas: bibliotecas, livros, gramáticas etc. Este novo meio é dinâmico, fluído e também muito consistente. Nele, as proposições são reformuladas em cada ‘nó’ da teia (Web).

3. LÍNGUA EM TRANSFORMAÇÃO

Sob a forma digital, o ciberespaço também nos permite lidar com suportes textuais, sonoros e fotográficos. Um turbilhão de provocações aos nossos sentidos, incorporadas ao nosso cotidiano. E acabamos por utilizar todos esses recursos também em nossa comunicação pessoal. Tal como fazíamos há algum tempo atrás, representando animais e situações diversas em pedras no interior de cavernas. Ao longo de sua história sobre a Terra, o homem foi buscando maneiras de melhor representar os signos das coisas com as quais lidava. Sem a plena desenvoltura da fala, nossos antepassados procuravam imitar o som de um bicho para informar sobre a caça ou um perigo. Tentaram, em seguida, desenhar a imagem destes bichos friccionando pedras coloridas em rochas maiores. Ao ver que não conseguiam fazer-se entender através de desenhos aleatórios, desenvolveram um padrão para eles. Formas rudimentares de alfabeto começavam a tomar forma.

A partir de então, inovações seguiram-se: o alfabeto fonético, a escrita, a prensa, o rádio, o cinema e a TV. Nenhum deles permitia-nos, apesar do tempo decorrido, entender as coisas através de imagens de forma particular e generalizada, tal como era com as cavernas.

Até a chegada das redes digitais e da possibilidade de ‘escrita’ multimídia e interligada. Com elas, a comunicação se desprende das sucessivas convenções estabelecidas, ou super aparatos sofisticados para capturar ou projetar imagens.

Por seu caráter multimidiático, o ciberespaço modifica o conhecimento humano, criando vínculos em informações sob a forma de texto, imagem ou som. É o que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. Rompendo também com a lógica linear do pensamento, absorvendo composições mais complexas da realidade.

O modelo simbólico do alfabeto, cheio de acordos e pressupostos para ser usado numa mensagem, cai sobre terra diante do potencial da representação icônica que a comunicação adquiriu.

4. METODOLOGIA

Para subsidiar este artigo, procuramos identificar em fóruns online, salas de bate-papo, comunidades virtuais, blogs e outros espaços dedicados à interação entre os usuários. Dentre estas interações, nos interessava as que eram feitas sob a forma escrita, contendo alguns deslizes ortográficos ou gramaticais que em um segundo momento pudessem ser compreendidos. Ou seja, de forma que a mensagem tivesse sido transmitida. Textos que contivessem imagens, seja sob a forma pura, ou combinando caracteres para se aproximar de imagens.

Este método de análise é um estudo de caso, onde realizamos uma observação direta do objeto em estudo. Tal análise é definida por Márcia Y. M. Duarte ocorre quando:

É feita quando em visita ao local do estudo de caso e serve para fornecer dados adicionais sobre o tema em análise. Compreende atividades formais como desenvolver protocolos de observação; e informais como as condições físicas de um edifício e a distribuição de espaços de trabalho que podem revelar algo sobre problemas financeiros de uma instituição ou sobre a posição ocupada pelo respondente em sua estrutura. (DUARTE, 2006, p.230)

5. “SAB AKLAS PALAVRAS Q VC ABREVEIA?”

O nome deste artigo tenta criar um jogo de palavras com o pronome de tratamento “você”. Construindo uma linha evolutiva entre “você” e as duas outras versões: “vossa mercê” e “vc”, sendo, estas, o passado e o futuro possível para aquele pronome. O que nos interessa aqui é observar que a transformação de “você” em “vc” representa apenas a continuidade da mesma tendência já verificada em outra época. Tendência que possui um princípio reducionista de pronto identificado, voltando-se a para redução dos termos. Da mesma forma, vimos, na transformação do “vossa mercê” para o “você”, uma diminuição no tamanho da palavra.

Já o título deste capítulo mostra algumas das “incorrekções” à língua portuguesa encontrada no site de relacionamentos. Já aqui podemos ver o uso do “vc” de que tratamos como tema central. Vemos que as duas consoantes da palavra original, “você”, quando pronunciadas, acabam por fazer um som semelhante à maneira formal de representação do pronome. O mesmo caso ocorre com o “q” presente no título, que é uma forma adaptada da conjunção “que”. A consoante já produz um som muito semelhante ao da palavra completa.

A letra ‘k’ é utilizada em substituição do ‘qu’ em “aquelas”. Neste caso, o som produzido pelas duas partes é o mesmo e a substituição ocorre por uma economia de movimentos, tempo e espaço para digitar.

Vale lembrar que em alguns sites na Internet os espaços para envio de mensagens são limitados a certo número de caracteres. Assim, é preciso criar formas para adaptar o máximo de informação a um espaço mínimo. O que também acontece com mensagens via celular, a famosa SMS (Short Message Service).

Entre essas abreviações, são incorporados também às palavras números cujo som seja semelhante ao de uma letra ou conjunto de letras. Tais como “100pre” (sempre) e “v6” (vocês). Em inglês, o uso do “4” em substituição ao “for” é também habitual.

A linguagem na Internet incorpora também elementos de imagens à escrita. Gostaria antes de lembrar que a inserção de imagens à linguagem remonta aos primeiros registros históricos do homem. Os desenhos rupestres eram imagens que foram sendo padronizadas até constituir um alfabeto. Os países orientais continuam, no entanto, representando sua língua através de pictogramas, forma de escrita onde as idéias são transmitidas através de desenhos.

Mais tarde, quando o homem desenvolveu meios para tratar imagens de maneira mais prática, as formas e cores voltaram a nos comunicar. Primeiro as pinturas, depois fotografia, cinema e televisão formaram uma sociedade que se vê nas imagens que são feitas dela.

Algo marcante no uso de imagens unido ao alfabeto foi a campanha promocional da cidade americana de New York, especificamente seu slogan: I ♥ NY. Neste caso, a palavra “love” (amor) fora substituída pela imagem de um coração. Uma prova de como uma simples imagem pode produzir um sentido fantástico ao informar algo.

Seja em *insights* de criação publicitária, ou na simples entre adolescentes, o que presenciamos é algo inédito. É a transferência de poder de comunicação às massas. É a possibilidade de construção de um espaço de contribuição coletiva e construção de saberes.

Ainda que pareçam estranhos e distorçam as normas estabelecidas nos dias atuais, tais formas de comunicação possuem sua lógica e devem ser por isso ser levadas em consideração. Não como verdade absoluta, mas como uma contribuição à comunicação humana.

6. AS REGRAS DO JOGO

Diversas críticas são feitas à língua utilizada pelos jovens na Internet. Conhecida por muitos como “Internetês”, é caracterizada pela quantidade enorme de deslizos quanto às normas gramaticais, e uso constante de recursos gráficos e sonoros na linguagem. Identifico dois pontos que podem justificar existência de tais “erros”: o primeiro diz respeito ao nível de formação daqueles que escrevem na Internet. Hoje em dia com conhecimentos mínimos de informática, e menores ainda da língua, pode-se trocar informações pela Internet. O que é democratizante por um lado, mostra o real nível de instrução de nossa população. Todos assim já escreviam, não deixam de conhecer a língua por escrever informalmente.

Outro aspecto a ser ressaltado é a possibilidade de transgressão permitida pelas novas mídias. Novos agentes participantes do processo de comunicação se manifestam livremente, fogem dos formalismos lingüísticos e interagem da maneira que lhes é mais adequada. O contexto em que vivem, suas afinidades e vivências pessoais ou do grupo social ao qual pertencem, define como se darão suas inserções e interferências na Internet.

E o ensino metódico e burocrático da língua ainda nos primeiros anos da escola perde seu espaço e valor dentro deste novo meio. Aos jovens é permitido aquilo que desde o primeiro choro ele quis fazer: comunicar-se com o mundo. É uma espécie de segundo “Eu estou aqui, esperei tanto tempo pra falar e agora quero também entrar na

roda”. O primeiro, obviamente, é o choro. Coincidentemente, ou não, o doutor logo dá uma “palmadinha” na criança. Acredito que querendo mostrar quem é que manda ali e fazendo-o ficar calado. Algo que, numa visão pessimista, pode representar um risco ao potencial comunicativo do indivíduo quando adulto.

Da mesma forma impositiva, dão-se as regras que regem a língua de uma sociedade. Reunidas em dicionários, gramáticas e outras publicações, tentam captar aquilo que é falado na sociedade e devolver-lhes uma verdade única, absoluta e inflexível. O professor Celso Luft define as gramáticas como “tentativas de registro e explicação de parte ínfima das regras contidas na autêntica GRAMÁTICA, a vital, verdadeira: conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua(...)”Luft (1985, p.9). E estas normas assumem uma morbidez que não acompanha seu uso:

(...) a Gramática disciplina, código normativo, que tende à fixação e inflexibilidade, portanto à morte. A Gramática completa de uma língua viva deveria registrar a variabilidade e evolução (tendências evolutivas) das regras gramaticais. Só línguas mortas são retratáveis num corpus fechado de regras. Portanto, o livro-gramática deveria estar sempre sendo atualizado, aperfeiçoado, como todo bom dicionário. (LUFT, 1985, p.23)

Em “Língua & Liberdade” Luft (1985) apresenta ainda o artigo “Gigolô das Palavras” em que o escritor Luís Fernando Veríssimo trata de forma bem humorada das imposições gramaticais. Este inverte a função de chefe e diz que “a Gramática precisa apanhar todos os dias pra saber quem é que manda”. De outra forma, segundo o escritor, encher-nos-íamos de obséquios para usá-las em público.

Luft incrementa ainda sua tese usando outros autores em defesa da língua em seu trato cotidiano:

(...)É o 'usus (...) jus et norma loquendi' (o uso, direito e norma de fala) de Horácio (Ars Poetica, 71), repetido em outras palavras pelo lingüista inglês Archibald Henru Sayce: 'Custom alone can determine what right and wrong, not the dictum of grammarians, however eminent'. Só o costume pode determinar o que é certo e erradom não o pronunciamento de gramáticos, por eminentes que sejam. Pode-se dizer que a língua é uma *norma consuetudinária*. Norma determinada pelo costume, não por outros critérios como origem, lógica, autoridade, etc. (LUFT, 1985, p.18)

7. “AS MÚMIAS CONVERSAM ENTRE SI EM GRAMÁTICA PURA.”

Esta expressão do título é utilizada por Veríssimo para mostrar que o uso extremado de regras estrangula a língua. A linguagem é um meio de comunicação e deve manter-se aberta às modificações daqueles que dela quiserem fazer uso. As mudanças na língua não são filhas da Internet, que foi tomada por Judas nesta revolução da informação, decorrem de um processo continuado de melhorias e adaptações ao uso. As mídias digitais foram responsáveis “apenas” por ampliar este uso.

Concluimos nosso trabalho, cientes de que as regras que tentam delinear aquilo que é praticado são extremamente válidas para garantir um mínimo de compreensão. Mas que regulamentação de códigos para a língua está, no entanto, sempre a reboque daquilo que é vivenciado pela sociedade. A língua pulsa viva em todas suas manifestações, deve adaptar-se, e transgredir aquilo que não considerar adequado, a cada nova configuração social em busca do seu objetivo maior: comunicar. Ainda citando L.F.Veríssimo: “dizer ‘escrever claro’ não é certo, mas é claro, certo?”.

Referências

DUARTE, Marcia Yukiko M., Estudos de Caso *in* Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação - Jorge Duarte e Antônio Barros (org.). São Paulo: Atlas, 2006.

LEVY, Pierre. Cíbercultura; trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Porto Alegre: L&PM, 1985.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2001.